

MONTAGEM



SOBRE SEM REDE.  
RUY DUARTE  
DE CARVALHO – TRAJECTOS  
E DERIVAS  
Ana Rita Amaral\*

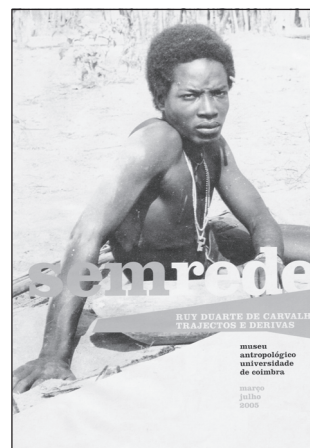
Sem família  
nem etnia  
sem fiança  
nem finança

sem peso até  
que dê  
para perder  
o pé  
todo este  
circo é feito  
sem rede.

Queda, portanto, não.  
Sem rede,  
só.<sup>1</sup>

Não é uma exposição *sic*to sensu, é uma instalação etnográfica.<sup>2</sup> Não é sobre uma pessoa, ou de um relance sobre uma biografia que se trata, é de uma relação. Assim é apresentada “Sem rede. Ruy Duarte de Carvalho – Trajectos e Derivas”, uma instalação etnográfica que propõe uma experiência de mediação entre o trabalho de Ruy Duarte de Carvalho, antropólogo, cineasta e escritor angolano, nas suas diversas expressões, e nós.

O simples convite que é feito à entrada é este, empurrando-nos poeticamente para o risco e para a necessidade de uma consciência de precisão e de um estado de alerta. A impossibilidade de repetição cons-



\* Antropóloga.

<sup>1</sup> Ruy Duarte de Carvalho, “O Outro”, de *Ordem do Esquecimento* (1997).

<sup>2</sup> Galeria de Exposições Temporárias, Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, Coimbra, Março/Julho 2005. Concepção e montagem: Nuno Porto e Luís Quintais. Fotografia: Ruy Duarte de Carvalho (fotografias de campo, anos 90) e Rute Magalhães (fotografias de plateau, anos 70 e 80). Voz: Ruy Duarte de Carvalho.

titutiva da própria noção de experiência emerge para experiência do visitante, portanto é um alerta, a observação deve ser atenta, responsabilizadora.

No texto de apresentação do folheto guia, os contornos tornam-se mais explícitos, adquirindo uma simplicidade por isso mais armadilhada, simplicidade: “Vamos lá, visitar pastores do Sul de Angola, ingressando, com as imagens de campo de Ruy Duarte de Carvalho, no presente Kuvale. As pessoas, o meio, os bois.”

*Vou Lá Visitar Pastores* é o título de um dos livros de Ruy Duarte de Carvalho, publicado em 1999. Trata-se de uma narrativa etnográfica sobre os Kuvale, uma sociedade de pastores do Sul de Angola, onde o autor tem feito trabalho de campo, numa experiência em si densa e prolongada. Esta densidade etnográfica que caracteriza metodologicamente o trabalho do antropólogo, assume no texto os trajectos e derivas da vida quotidiana Kuvale e também das deslocções constantes local/nacional, sujeito/objecto, observação/presença, na tentativa de uma compreensão do mundo contemporâneo do ponto de vista Kuvale e na preocupação simultânea de o dar a perceber. Na galeria, pode-se ler um excerto do livro que dá a entrada:

Do lado da nação e à esquerda, para lá da linha do caminho-de-ferro, encontras um mercado. Mercado é mercado, e acharás por lá pessoas de toda a qualidade e feitio, uns a pé e outros de carro, (...). Há lá de tudo, evidentemente, como em todos os mercados populares de Angola, ou de África, desde peças para automóvel a cigarros à unidade ou a xarope à colher, de roupa de fardo a pedras de isqueiro, de destilados locais a *whisky* escocês de quinze anos, de farinha e *lombis* a peixe seco e a carne verde.

Continuando a ler, há uma pequena descrição dos Kuvale, uma sociedade pastoril e, por fim, o sentido da viagem:

Cumpri a minha missão. Conduzi-te ao mercado da Nação e coloquei-te perante o sujeito de quase tudo o que quero dizer-te: os Kuvale, pastores, os Mucubais do imaginário angolano. Mas, antes de entrar no vivo da matéria, sugeria-te que passasses ainda por outro mercado, o Municipal, no centro da cidade. Aí encontrarás mais mulheres kuvale, sentadas ou deitadas no passeio, a vender óleo de *mupeke*. Do óleo de *mupeke* voltarei a falar-te, e há outros detalhes interessantes que poderão estar ligados à presença destas mulheres aqui. Mas por enquanto capta apenas, de relance, o porte delas e sobretudo o das meninas a que nenhuma estratégia de resguardo consegue disfarçar as graças. Faz bem à alma.<sup>3</sup>

A partir daqui são eles que aparecem apresentando-nos Ruy Duarte de Carvalho, sendo pois eles que vemos, o sangue dos seus bois, as suas mulheres, “jo-

<sup>3</sup> *Vou Lá Visitar Pastores* (1999, Lisboa, Cotovia)

vens e bonitas”, as suas paisagens. No entanto, e simultaneamente, é Ruy Duarte de Carvalho que tentamos ver, decifrando-o, recolocando-nos na sua perspectiva, dentro dos seus vários registos – primeiro literário, depois fotográfico e etnográfico, depois ainda material e objectificado, depois fílmico – mas sem conseguirmos nunca encaixarmo-nos muito bem do lado de lá da imagem, isto é, do ponto de vista da concepção da exposição, a relação de mediação que é proposta é suficientemente problematizada para se ter a constante presença de Ruy Duarte de Carvalho sem nunca se fixar numa linearidade biográfica coerente, recorrentemente criticada nas abordagens teóricas sobre histórias de vida. Percebe-se de facto o seu trabalho, o tom da sua escrita e o seu estar em alguns momentos e experiências entre os Kuvale.

O percurso da exposição acompanha a simplicidade traiçoeira do convite à partida, pois a densidade pressente-se, devedora do próprio trabalho do autor. No espaço inicial temos os seus vários livros publicados, nos diversos géneros e edições. Chega-nos também a voz do próprio Ruy Duarte de Carvalho, dirigida ao ouvido enquanto podemos ler o excerto de *Vou Lá Visitar Pastores* [citado acima], que serve de motivo de apresentação dos Kuvale, da escrita de Ruy Duarte de Carvalho e do espaço expositivo.

Passamos depois pelas fotografias de campo, datadas da década de 1990, fazendo demorar a passada pelo espaço. Estão dispostas ao longo da parede, suspensas em várias filas de capas de plástico, como se tivessem sido apenas retiradas do dossiê do antropólogo e enfileiradas tal qual. Não há legendas que as objectifiquem na parede branca, mas notas e *post-its* amarelos que reforçam a intimidade do olhar aproximado, e reafirmam a sua autenticidade, são catalogações e símbolos escritos pela sua mão, “os bois”, “as mulheres jovens”, “as paisagens”. É o presente Kuvale que nos chega através delas e do pensamento fotográfico organizado do etnógrafo.

A experiência visitante muda então, passando para corredor ao lado, cuja extensão é ocupada por objectos etnográficos de um lado e fotografias emolduradas do outro. As fotografias, de Rute Magalhães, materializam uma utilização do meio fotográfico completamente diversa da anterior. Mais aproximadas ao formato de fotografia de autor (são a preto e branco, estão emolduradas, têm um formato maior e uma revelação cuidada, quando as anteriores eram a cores, e têm o formato pequeno, de revelação rápida de loja), por isso apresentam-nos um outro espaço expositivo. A série disposta é iniciada por um rosto iluminado e uma pequena frase explicativa da própria fotógrafa, “esta selecção teve como critério o eco que o ‘estar muíla’ ainda tem hoje em mim”. São de 1977, quando Ruy Duarte inicia, no Sul de Angola, as filmagens de uma série de curtas-metragens *Presente Angolano – Tempo Muíla* que, juntamente com a ficção *Nelisita – Narrativas Nyaneka*, são continuamente projectadas ao fundo do mesmo corredor.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> *Presente Angolano/Tempo Muíla* constitui uma série documental sobre Angola, datada de 1979. *Nelisita – Narrativas Nyaneka* (1982) é uma ficção realizada por Ruy Duarte de Carvalho, cuja rotação foi feita em 1977.

Já iniciados no processo de desestranhamento dos Kuvale mediante as fotografias e os textos que registam o trabalho de Ruy Duarte de Carvalho, os objectos surgem agora menos “musealizados”, destronados da sua aura de colecção etnográfica – não estão em vitrinas e há uma possibilidade estranha de serem tocados. Estão dispostos ao longo de um varão, à distância da nossa mão, artefactos das colecções africanas do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, seleccionados por serem provenientes de povos do Sul de Angola, aparentados do ponto de vista da cultura material com os Kuvale. São na sua maioria adornos e obedecem a uma lógica corporal, estendendo uma relação com as fotografias que os acompanham na parede oposta. Têm as legendas descritivas do museu, explicitando a proveniência e o tipo de objecto. A concepção deste momento de toque surgiu também da articulação com o projecto “As Mãos Também Vêem”, direccionado para um público invisual, que tradicionalmente é excluído pelo critério visualista que predomina sobre as exposições e instalações etnográficas ou artísticas.<sup>5</sup> São ambos os conceitos desmontados no momento do toque – o de objecto de museu e do paradigma visual, sem qualquer esforço textual e/ou discursivo.

A presença forte do trabalho de Ruy Duarte de Carvalho permite a fragmentação do modo como os registos estão dispostos, essa mesma fragmentação existe na observação em si, no trabalho etnográfico, no olhar para o outro. No folheto guia podemos ainda ler excertos retirados de outros livros de Ruy Duarte de Carvalho, que trazem o comprometimento crítico de Ruy Duarte de Carvalho com Angola, adensado e modulado pelo percurso expositivo. Como, por exemplo, sobre as ONG e o seu trabalho no país, diz Ruy Duarte de Carvalho:

Uma floresta de siglas que permitem aos iniciados tratarem os métodos de trabalho por tu, querem todas dizer que o “alvo” (metáfora mais arrepiante!) deve ser consultado, deve ser ouvido, deve intervir, deve decidir também quando o que estiver em causa lhe disser respeito, e custa a crer como um direito tão elementar como este tenha constituído um sobressalto tão grande num mundo por definição preocupado com a sorte dos outros como o da ajuda humanitária. (...) Conto a favor de Angola com a lucidez das próprias populações. Antes de mim sabem elas o que é e o que não é de levar a sério.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Para além da organização de visitas guiadas acompanhadas pelo Gabinete Técnico-Pedagógico da Universidade de Coimbra, foi também editado um catálogo em Braille.

<sup>6</sup> Em *Aviso à Navegação* (1997).